

# Cultura Popular, Mentalidade e Representação no “Banco do Capeta” em Santa Fé de Goiás

Wilson de Sousa Gomes

Partindo daquilo que Marc Bloch (1972) defende, fazemos história de tudo que o homem tocou, fazemos história dos “homens no tempo” e como tal, nosso projeto abarca um tema de elevada importância para a sociedade, pois busca quebrar as relações preconceituosas do homem branco que apesar das transformações sociais e culturais ainda guardou ou guarda, esse elementos; e dentro do âmbito acadêmico, buscamos de forma efetiva, ampliar as discussões historiográficas e compreender mais aspectos da produção cultural humana.

Com isso, percebemos lutas constantes ao longo da vida. E assim, buscaremos construir um debate seguido de uma análise que ofereça esclarecimentos para o meio acadêmico, sempre partindo do princípio de que não estamos com a verdade “absoluta”, mesmo porque ela não existe, lançaremos algumas análises e interpretações passíveis de crítica e comentários, embora sabendo que dentro das ciências humanas e sociais, todos os enunciados partem do ponto de referência onde se lança os discursos.

Com isso, fundamentados em referências teóricas, algumas evidências apresentam a passagem do indígena na região do município de Santa Fé de Goiás, em um local denominado de Serra do Tira Pressa, popularmente conhecido como “Banco do Capeta”. De antemão, esclarecemos que nesta análise e debate não iremos interpretar as inscrições na rocha, isso porque exigiria um “trabalho minucioso e refinado de cunho Histórico-antropológico, analisando e pontuando toda a gama cultural e simbólica que possui os “desenhos na rocha”; focaremos nossa atenção no conflito simbólico do branco para com o indígena” (GOMES, 2007, p. 01).

Assim, as transformações ocorridas no Brasil têm influência direta nos estados e conseqüentemente nos municípios. Na década de 1970 a 1980 temos um complexo contexto político de transformações ou mutações da cultura popular dessa época, mas tenhamos em mente que as mudanças no cultural são lentas. Discutindo o que Ernest Labrousse *apud* LE GOFF (1995) nos propõe, formulamos o seguinte pensamento: as mudanças sociais são lentas perante as econômicas e as mentais são mais lentas que as sociais. Apesar das mutações e do desenvolvimento das relações capitalistas, de todo ‘progresso’ e de reflexões políticas e intelectuais, a cultura popular ainda conserva a natureza estrutural do mito dentro do imaginário coletivo, existem traços que a mentalidade carrega inconscientemente.

Dessa forma, o interesse por esse tema surgiu a partir de uma visita realizada ao município de Santa Fé de Goiás, com o especialista em antropologia visual professor Mário Arruda da Costa, no intuito de coletarmos cerâmicas de produção indígena para a produção de um trabalho na disciplina de Temas da Antropologia, do curso de licenciatura plena em história no ano de 2002. Ao chegarmos ao município de Santa Fé de Goiás, na Serra do Tira Pressa, onde está situado o popular “Banco do Capeta”, encontramos um contexto bem mais amplo, uma leitura equivocada dos elementos inscritos nas rochas, leitura que podemos chamar de “preconceituosa”, pois se baseia numa visão deturpada da realidade humana, onde práticas, ações culturais, são taxadas ou interpretadas como um elemento produzido por algo sobrenatural, assim, temos uma

mistura de misticismo e ficção. E após produzirmos uma monografia para conclusão de curso no ano de 2005, sob a orientação do professor Rodolfo Belchior F. de Paula, concluímos que esse tema deveria ser trabalhado não apenas na graduação, mas sim, estendido ao debate histórico – social do meio acadêmico.

Assim, deparamo-nos com uma situação em que as pessoas do município supracitados e região têm comportamentos diferenciados, no sentido de que um elemento produzido por outra cultura, causa-lhes medo, e isso produz um contexto conflituoso, a luta do bem e do mal, que é afirmada e propagada pelas instituições religiosas, que molduraram o comportamento educacional humano. Desse modo, alguns dizem que na Serra do Tira Pressa, no local denominado de “Banco do Capeta”, manifestava-se forças sobrenaturais malignas. Ao depararmos com isso, e, buscando uma problematização dessa realidade trazendo para uma leitura acadêmica, percebemos que havia um ‘problema’ naquele local. Havia uma relação de conflitos entre a visão cristã (bem) e o exótico (profano), e como historiadores, ao encontrar-nos diante de um problema, devemos pesquisar, estudar e buscar compreender esse contexto, pois nisso “há contexto humano, social, político, até mesmo místico” (BRAUDEL, 1978, p. 273), que deve ser analisado, interpretado e compreendido. Assim, com essa breve citação, percebemos que o historiador, como um homem de seu tempo, tem de entender o sentido que as pessoas dão aos significados, e que esse por sua vez, tem de importância na sua maneira de pensar e agir, ou seja, qual a influência que isso tem nas suas vidas?

Assim, temos em mente que o nosso trabalho está inserido dentro da temática cultura e representação. Pois, ao trabalharmos esse tema estamos analisando a apropriação de discursos que são ordenadores da consciência de homens que viveram nos anos de 1960 e 1980, e isso se encontra dentro de um contexto verbal, gestual e simbólico, que define as relações étnicas e de poder, que afirma uma identidade em detrimento da outra, ou seja, a passagem do indígena pelos locais gravados e o homem branco buscando nesse local a conquista, a afirmação da sua cultura em deturpação da outra.

Como afirmamos acima, na incessante busca cognitiva, nos deparamos com fatos curiosos; como historiadores percebemos lutas constantes ao longo da vida, sejam elas lutas de classes, lutas regionais, culturais, filosóficas e etc. Assim, tentando valorizar aquilo que nos norteia, temos que essa discussões vem ampliar o debate entorno do conceito de cultura, e para tal feito, recorreremos à historiografia, realizando um debate indagador, sobre a forma de produção e a relação do homem com a cultura que ele próprio criou. E explicar, interpretar e compreender a estrutura mística da região do Médio Araguaia e em especial, no município de Santa Fé de Goiás, no local conhecido como Serra do Tira Pressa e especificadamente no lajedo denominado de “Banco do Capeta”, onde temos um conflito de imagens, gestos e linguagens, que traduzem a construção simbólica de duas culturas: a cristã e outra indígena ampliando a nossa concepção e compreensão acerca dos “homens no tempo”.

A historiografia nos oferece produções sobre o assunto, no entanto nossa discussão é focalizada em uma região específica e tem por objeto de pesquisa, a interpretação da representação e simbolismo que compõem a mentalidade cristã sobre o “Banco do Capeta” em Santa Fé de Goiás. Nesse sentido há um grande acervo de fontes orais e arqueológicas, que demonstram a passagem do indígena pela região, ou seja, temos os relatos orais dos moradores que nos apresentam dois fatores: primeiro ao entrevistarmos temos a tradição oral que representa o testemunho que é transmitido de geração para geração; e segundo as experiências vidas pelos entrevistados que trazem

evidências das informações as quais eles tiveram acesso; além das fotos do local e das inscrições na rocha, que ora afirmam o relato dos entrevistados, ora demonstram os elementos imaginados pelos mesmos, assim, temos vários elementos do ponto de vista histórico que fazem necessário uma análise e interpretação para que haja uma compreensão do conjunto de símbolos, representação e elementos imaginário que se cria entorno da produção indígena, ou seja, os desenhos na rocha.

Dessa maneira, devido a uma visão mistificada, atribui-se a esse fato, algo no mínimo equivocado, fictício e imaginário como afirmamos acima. Isso acontece dentro de uma sociedade agrária, em que há o predomínio do senso comum, onde o sujeito desse ambiente constrói sua história recorrendo à sua consciência, que por sua vez diante de ansiedades e apreensão, luta ou conflito, busca nas explicações místicas resolver esses problemas, esse conflitos. Sua consciência por sua vez é guiada por elementos religiosos que o coloca diante de valores como pecado e virtude, Deus e o Diabo. Dessa maneira temos na sociedade um conflito, uma luta de poderes que é justificada pelo misticismo e violência, essa última não de modo físico, mas na mente das pessoas. Com isso temos a ideologia a serviço de uma manobra de negação daquilo que não está contida dentro do conjunto de elementos criados e legitimada pela mesma, ou seja, as pessoas são levadas (motivadas) a acreditarem em uma única visão da realidade: a da RELIGIÃO CRISTÃ, que por sua vez prega em seus preceitos e dogmas uma relação de confronto, esse parte da relação entre o bem e o mal que simboliza a eterna luta de Deus contra o Diabo, é a luta do céu contra o inferno, onde na terra o homem é tentado e testado a todo o momento para que tenha seu lugar afirmado em um dos lugares descrito acima. Assim os medos, ansiedades e angústias dão forma e vida a algo que não é visto e tocado, entretanto, a visão e criações colhidas nas entrevistas fazem o irreal, o sobrenatural ganhar vida e forma.

Assim, não temos o confronto físico, a luta corpo a corpo como aconteceu no período da colonização, ou da expansão bandeirante pelo nosso país, mas, o confronto simbólico e imaginário, e esses se dão entre o que está na realidade e o que se tem na mentalidade. Dessa maneira tem-se uma batalha dentro da mente das pessoas, isso se traduz na constante luta entre o bem (cristão) e o mal (herético). Que por sua vez é legitimado desde que a Europa impõe a formação cristã aos povos do Novo Mundo e que por sua vez tem efeitos na construção nacional do nosso país; perante isso temos julgamentos e interpretações de que: o homem não cristão é carregado do mal e que só pertencera ao bem o homem que protege os mesmos valores transmitidos pelo simbolismo cristão, desse modo transformando as culturas em uma só cultura, ou seja, europeia cristã. Desse modo, atribuir aos vestígios indígenas deixados na rocha, o rótulo de um serem representação do mal, profano (pecaminoso), carregado de ritos considerados selvagens, demoníacos, feitiços que devem ser exorcizados e proibidos é apenas a confirmação e legitimação da mentalidade cristã.

O que nos chama a atenção para o tema, é o fato de as pessoas acreditarem fielmente, que nos locais gravados pelos índios, há uma manifestação sobrenatural e isso influi nas suas vidas, no seu cotidiano. Baseados nisso faremos um recorte cronológicos da década de 1960 a 1980, uma data não escolhida aleatoriamente, mas que traz grandes fatos para nossa discussão, como por exemplo, as entrevistas dos moradores que viveram nesse período e as fotos do local como já relatado. Seguindo os aspectos acima mencionados temos uma relação de poder e dominação que é firmada nas “produções visuais, mentais, verbais, onde são elaborados “sistemas simbólicos” diversificados e onde constroem-se “representações” (BARROS, 2005, p. 113). E essas

representações geram novas e antigas práticas que externam uma relação histórica que nos leva enquanto pesquisadores a compreendermos o processo de afirmação e negação de símbolos que valida uma cultura em detrimento da outra, ou seja, é a demonização do outro na afirmação do eu branco e cristão.

Partindo do que o professor Ataídes (1998) afirma, temos que o Brasil fora ocupado por populações caçadoras e coletoras que usavam instrumentos como dardo, arco e flecha. O Estado de Goiás entra para o estudo arqueológico a partir de 1970, aonde são encontrados populações indígenas de horticultores, caçadores e ceramistas. Com isto, “encontramos cerâmica nas localidades da microrregião do Rio Vermelho, que inclui municípios de Itapirapuã, Jussara, Aruanã, Britânia e Santa Fé de Goiás. As cerâmicas possuem semelhanças nas formas, ou seja, sem decoração” (GOMES, 2007, p. 02), e isso se faz uma evidência da passagem do indígena em Santa Fé de Goiás.

Outras evidências que nos são apresentadas, são os sítios arqueológicos que possuem os desenhos inscritos nas rochas, como é o caso do “Banco do Capeta” no município citado. Sendo o local do “Banco do Capeta” ordenado em forma de ferradura como defende Ataídes (1998) e Barbosa (1974) temos o registro empírico da passagem de tribos indígenas pela região do médio Araguaia e em específico, Santa Fé de Goiás. Os dois autores referenciados apontam que nas décadas de 1970 as tribos indígenas deixaram pela região registros dos elementos da sua cultura. Temos que “o estilo - de desenho - é caracterizado pela representação de geométricos e zoomórfos estilizadas em grandes dimensões. Gravuras semelhantes em lajedos são bastante comuns nas bacias do Araguaia e Tocantins” (BARBOSA, 1974, p. 34). Com essas evidências, percebemos que é o homem o responsável pelos desenhos nas rochas ou lajedos.

Entretanto, de acordo com Falcon (2000, p. 102) “o homem é um ser que busca o sentido e ao mesmo tempo cria este sentido, o qual nada mais é do que a ‘significação imaginária social’”. E é nessa construção que encontramos na história das ideias das instituições, das artes, da literatura, das mentalidades e dos movimentos políticos, sociais e religiosos o sentido buscado pelo homem, e que é caracterizado pela construção cultural sistematizada nas instituições políticas e religiosas.

E as instituições por sua vez, fragmentam a realidade e constroem verdades últimas e centralizadoras, onde “os sujeitos não têm outro papel”, se não o da submissão, e isso se torna uma constante em uma sociedade onde a oralidade tem grande influência, pois os ensinamentos são transmitidos de geração para geração e a oralidade repassa todo esse estado de crenças e verdades absolutas e inquestionáveis. E falamos isto com base na observação de instituições que trabalham com os controles ideológicos e culturais e entre elas encontra-se uma das maiores e antigas instituições, ou seja, a religião cristã e a Igreja Católica.

E paralelo a isso com a instituição acima mencionada, temos a mentalidade cristã, “estruturalmente carregada de conflitos, lutas entre o profano e o sagrado, o bem e o mal, que está presente em nossos dias” (GOMES, 2007, p. 04). Sendo a mentalidade o alimento da humanidade, devemos discutir e analisar as manifestações mágicas e religiosas que dão as características e práticas de cada época. Afinal “o homem não vive somente de pão, a história não tinha mesmo pão ela se alimenta senão de esqueletos agitados por uma dança macabra de autônomos” (LE GOFF, 1995, p. 77).

Segundo Gomes (2007), o estudo e o conhecimento das relações atuais, com as passadas, nos trás respostas, ou parte delas e isso para compreendermos as heranças das continuidades tradicionais que ainda persistem em nossa sociedade. A mentalidade de

um povo, traduz a forma particular deles pensar e agir e as instituições percebendo isso, tentam moldar as mentalidades do indivíduo, com o objetivo de ter uma maior dominação sobre a sociedade e dessa forma, os indivíduos serem mais fáceis de controlar, não oferecendo risco ao seu poder.

Segundo Ângela Maria Castro Gomes (1982), o homem do sertão que irá povoar o centro oeste, carrega consigo o seu passado cultural. Em Santa Fé de Goiás, teremos indivíduos que vêm no conjunto cerimonial indígena, um ser não cristão e carregado do mal. Com isso, cria-se um conflito simbólico que revive a constante luta entre o bem cristão e o mal pagão que se encarna no Diabo. Dessa forma, somos direcionados a pensar que o homem da modernidade e contemporaneidade carrega inconscientemente fragmentos da memória formada por diferentes estratos da sociedade tradicional. Na comunidade sertaneja isto é mais forte e constante, sabendo que Santa Fé de Goiás é fruto do processo de marcha para o oeste, idealizado pelo governo Vargas, que buscava preencher os espaços vazios do interior segundo Gomes (1982, p. 163). Assim, temos indivíduos de várias regiões do país que vêm para a região centro oeste e carregam consigo as suas concepções culturais e buscando ter melhores condições de vida e ao chegar a Santa Fé de Goiás encontram instituições que demonizam aquele que não é cristão.

E com isso “o essencial vem da difusão do cristianismo como religião e como ideologia dominante e do quase monopólio que a igreja conquista no domínio intelectual” (LE GOFF, 2003, p. 438). A cristianização da memória gira em torno de traços tradicionais que influem em nossa sociedade e nas relações humanísticas, onde o indígena e principalmente sua cultura são vista como fantasmagórica ou diabólica. Assim, segundo Gomes (2005), nesse município as pessoas ao mesmo tempo em que brincam dizendo que lá na Serra do Tira Pressa, no “Banco do Capeta”, não existe nada, elas demonstram certo receio de passar, ou mesmo de ir ao local do suposto banco. Pode ser uma lenda ou estórias, mas o essencial é que medo ainda persiste e o perigo de ser tentado e da sua alma ir para o inferno tem efeitos no seu comportamento e na sua forma de ver o outro, nesse caso o indígena.

Seguindo esse aspecto, notamos as instituições, os sistemas simbólicos como instrumento de conhecimento e de comunicação, para estruturarem dentro de sua ótica, uma ordem que é estabelecida como natural segundo Bourdieu (2001), isto com o objetivo de ajustar a sociedade de modo uniforme e dominada. O poder simbólico segundo Bourdieu é dotado da construção do real e estabelece uma ordem e um sentido imediato do mundo. A história do imaginário cristão trás consigo uma marca da cristianização européia do mundo, sendo esta re-significada pelo sertanejo como a eterna luta dos civilizados e cristianizados *versus* os bárbaros e pagãos.

A partir disso, observa-se a presença de certas continuidades. “É evidente a existência de um sistema de representações construído que transforma elementos naturais em algo sobrenatural. Então, assistimos a um conteúdo simbólico produzido de modo a articular o que é realidade, e o que é imaginado” segundo Gomes (2007, p. 05). A forma cultural que as pessoas da região classificam, apresentam, os vivos numa relação com o mundo do além-tumba, o universo invisível de seres sobrenaturais, ficção, magia e outros, são ferozmente de modo maniqueísta, levados a um combate sem trégua, como afirma Nogueira (2002). A luta entre o bem e o mal é datada logo após a criação do homem por Deus.

Analisando a história da mentalidade cristã, correlacionamos ao sentido dado às

condutas das pessoas no município de Santa Fé de Goiás, isso ao tratarem as inscrições na rocha como algo construído por entidades sobrenaturais, assimilando-as à figura do mal. E com tal fato, não temos nada além de um ato de reviver a mentalidade cristã. A atribuição das inscrições indígenas como sendo algo feito pelo Diabo valida a nossa afirmação e traduz as práticas representativas em ações reais e concretas.

Pautados em uma construção de uma doutrina única, temos a ideia de que o bem é fortificado em um Deus único e todo poderoso. E os fiéis partem da crença que os povos de tradições diferentes são a encarnação do mal na terra e neste caso o indígena, embora a nossa discussão se limite as suas inscrições deixadas na rocha. Para a mentalidade cristã que o Diabo é a causa de todos os tormentos, deve se combatê-lo e expulsá-lo da terra, isto para não causar nenhum mal à humanidade segundo Nogueira (2002). Ou então, que no mínimo seus seguidores convertam-se para serem salvos do mal que lhes perseguiu. De acordo com o que Bourdieu (2001) nos apresenta, dentro desse conjunto simbólico temos a ideologia como um conjunto de mitos que controlam a coletividade. A partir de Gomes (2007) a cultura dominante desenvolve ações e construções que contribuem para que as criações fictícias da sociedade estejam estabelecidas em ordem para que molde a consciência dos dominados. Assim, legitima o seu domínio sem distinção entre dominados e dominadores. O poder simbólico é invisível, mas, se materializa através das instituições para domesticar os dominados, ou a fração envolvida nas lutas de vida cotidiana, segundo Bourdieu (2001).

A partir dessas perspectivas, temos na ótica cristã, a cultura dita pagã é onde reside o Diabo e com isso a fé cristã irá concebê-la como algo perigoso e conceder poder para os seus fiéis para exorcizem outros seres humanos possuídos por esse agente do mal. E é privilégio de cada cristão combater e resistir ao mal; a cada vitória cristã há o prêmio de remeter o diabo ao inferno, e esse não tentar novos seres humanos segundo Nogueira (2002).

Tomando por base o texto de Gomes (2005), levantamos o seguinte exemplo para ficar mais esclarecedora a nossa discussão perante nosso objeto, a dos bandeirantes que ao penetrar no interior do território brasileiro, estava tendo suas ações justificadas: o seu combate era “justo” e necessário para a conquista de escravos e fiéis e o extermínio dos que demonstrassem resistência. E através desse exemplo-relação afirmamos a permanência de traços tradicionais na sociedade moderna. E isso, estimula a imaginação do homem a criar mitos, transformar a realidade em ficção. E esse aspecto está dentro da complexidade e cerimoniais da cultura popular. Labrousse nos fala o seguinte: “o social é mais lento que o econômico e o mental mais lento do que o social” (apud, LE GOFF, 1995, p. 69). Por isso há uma permanência, uma demora, uma lenta mudança na mentalidade.

Relacionado o que discutimos com o que Chartier (1995) apresenta, entenderemos que em Santa Fé de Goiás, o “Banco do Capeta”, faz parte da cultura popular do município e da região do médio Araguaia, pois a cultura popular está presente em qualquer ação humana, numa fala, na ação oral, comunitária e folclórica. É algo individual e ao mesmo tempo plural e livre. Temos desse modo, algo que desaparece e novamente reaparece. O verdadeiro problema não é datar seu desaparecimento supostamente irremediável, mas, entendermos que para cada época, existem relações complexas entre as formas impostas, constrangedoras e imperativas, que trazem identidades afirmadas que foram desenvolvidas, e reprime a cultura popular, isso devido ao trabalho de construção de uma cultura monolítica. Segundo Gomes (2007) atribuir à ação humana algo diabólico é fruto de uma mentalidade de luta entre o

Bem e o Mal, o sagrado contra o profano, um elemento dos dogmas cristãos.

Assim, reconhecemos as transformações dentro de cada sociedade em tempo e espaço, embora isso não signifique romper completamente as continuidades que atravessam os três séculos da idade moderna de acordo com Chatier (1995). Temos desse modo que a “literatura popular” e a “religião popular” não sejam radicalmente opostas ou diferenciadas da literatura e religião do clero, que impõe de modo único, seus repertórios e modelos; elas estão compartilhadas e presentes em diferentes meios sociais, além de não pertencer apenas aos ambientes populares, isso porque são ao mesmo tempo aculturadas e aculturantes.

Com isso, o que de fato nos importa não é sua repartição ou complexidade, o mais importante é sua apropriação pelos grupos de indivíduos que a inserem no seu cotidiano. Temos desse modo um discurso e um comportamento, que apresentam certo equívoco para com os desenhos da rocha, traduzindo certa ação na re-afirmação da mentalidade cristã voltada “para a relação de negação da produção cultural humana e a afirmação dogmática de elementos sobrenaturais” (GOMES, 2007, p. 06).

Diante do que está sendo discutido, notamos que as pessoas relacionam os pensamentos mitológicos, místicos e mágicos característicos da religião, como parte das práticas culturais da sua vida. E sendo a cultura um conjunto de valores materiais e espirituais criados e incorporados nas representações sociais como defende Sodré (2003), entendemos que a forma de agir e pensar de um povo e uma sociedade constroem a sua particularidade, com isso, em acordo com o nosso objeto, as pessoas do município de Santa Fé de Goiás não seriam diferentes de outros contextos temporais e espaciais. Entretanto, transformar o real e visível, na personalização do irreal e invisível e em algo do mal, ao mesmo tempo em que particulariza, generaliza o que temos como mentalidade cristã.

O conjunto de elementos ou desenhos na rocha é legitimado pela ação concreta do homem. E, no entanto, entender aquilo de outra forma é algo fruto daquilo que não lhes fora explicado de modo correto, ou supostamente verdadeiro. Pois em suas mentes estão gravados os elementos representativos de uma cultura cristã que traduz o exótico, o novo, o diferente como a representação da figura do Diabo.

Notem que a mentalidade cristã, apesar de estar em épocas e espaços diferentes, revive e traz traços tradicionais de longa data. Na entrevista cedida pelo Sr. Severiano temos o seguinte discurso: “eu vou chegar lá, agora vou pedir dinheiro pro diabo (...) o diabo mais rico que existir ai se quiser me dá dinheiro eu quero”. Segundo Gomes (2007), o Sr. Severino se posiciona no seu discurso de uma maneira que, quando você faz um pedido você será atendido e, nesse caso, pedindo dinheiro para o diabo o individuo será atendido. Sendo o diabo algo do campo metafísico, pois não tem corpo ou ocupa espaço físico, como alguém irá ganhar dinheiro ou mesmo ficar rico, como dizem as outras pessoas que foram entrevistadas? Temos assim elementos complexos onde a mente cria e dá vida e poder a um ser sobrenatural. Partindo na busca de repostas para várias reflexões, lançamos um olhar crítico e analítico, no qual percebemos que é atribuído à criação ou produção humana, algo invisível, mágico e imaginário; assim, temos uma enorme complexidade cultural, que de modo velado ainda estabelece princípios de dominação.

Em acordo com o que Falcon (2000) nos propõe sobre representações e simbolismo, entendemos que existe uma imprecisão ou indefinição das “formas simbólicas” acopladas as representações sociais que exige uma maior interpretação dos

fatos, neste caso e leitura dos símbolos geométricos, antropomorfos e zoomorfos. Assim, as representações sociais ou imaginárias, expressadas ou mesmo “materializadas” através de signos, símbolos, alegorias, sinais, emblemas e pensamentos, produzem um discurso voltado para preceitos cristãos, de ordem a promover um entendimento no mínimo equivocado e de inferiorização e subjugação das outras culturas.

Com tudo, na análise do discurso dos populares, encontramos o sobrenatural como instância constituinte da realidade popular. Os discursos são carregados de representações e ações que faz presente algo ou alguém que não esteja presente, ou seja, dar presença a alguma coisa ausente, a uma imagem por intermédio de uma ideia, a qual faz presente um objeto, e nesse caso, o encontro com o diabo, segundo Nogueira (2002). Com estes aspectos, o discurso dos moradores retoma uma memória de raízes antigas. O homem da zona rural tem uma mentalidade cristã voltada para um mundo tradicional, e isso é uma característica do sertanejo. Para este, o sertão forja sua auto-imagem, sua identidade, e também uma ideologia. Uma ideologia e uma identidade substancialmente mística de confronto ou interligamento entre a realidade e a fantasia. Seguindo esses aspectos, estamos diante de uma coletividade permeada por conteúdos simbólicos, onde o cristianismo preenche de modo dominante parte das representações populares. A mentalidade dogmática é cheia de superstições e preceitos que justificam o medo para o suposto mal, e esse, segundo os cristãos, está presente em todos os lugares. O pensamento popular é carregado dessas imagens e símbolos que traduzem a máscara ideológica que controla a sociedade com meios alienantes.

### Referências Bibliográficas

ATAÍDES, Jésus Marco de. *Sob o signo da violência: colonizadores e Kayapó do Sul no Brasil Central*. Goiânia: UCG, 1998.

BARBOSA, Altair Sales. *Balanço da Arqueologia Brasileira – Goiás*. In: Anuário de Divulgação Científica. Goiânia: UCG. Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia. V. 1, p. 25-35, 1974.

BLOCH, Marc. *Introdução à história*. Lisboa: Presença, 1972.

BORDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRANDEL, Fernando. *Escritos Sobre a História*. São Paulo: Perspetictiva, 1978.

CHARTIER, Roger. *Cultura Popular: revisando um conceito historiográfico*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: vol. 8, n° 16, 1995.

FALCON, Francisco J. Calazans. *História e Representação*. In: Revista de História das Idéias, vol. 21. Cidade, 2000.

GOMES, Ângela Maria Castro. *A construção do Homem Novo: O Trabalhador Brasileiro*. In: *Estado Novo: Ideologia e Poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GOMES, Wilson de Sousa. *As Representações do Imaginário Cristão: debate acerca da interpretação cristã sobre o “Banco do Capeta” em santa Fé de Goiás de 1970 a 1980*. (Monografia de Graduação em Licenciatura Plena em História). Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Jussara, 2005.



\_\_\_\_\_. *Cultura Popular: imaginário e representações acerca do “Banco do Capeta”*. In: III Simpósio Internacional: Cultura e Identidade. UFG, 2007.

LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. *As mentalidades: uma história ambígua*. In: História: Novos Objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LE GOFF, Jacques. *Memória*. In: História e Memória. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2003.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O Diabo no imaginário cristão*. 2. Ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

SODRÉ, NELSON Werneck. *Síntese Histórica da Cultura Brasileira*. 20º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

### **Entrevistas Concedidas**

CAVAZZUTTI, Francisco. Entrevista concedida a Wilson de Sousa Gomes. Itapirapuã, 04/11/2005.

DIAS, Ângelo Sigueira. Entrevista concedida a Wilson de Sousa Gomes. Santa Fé de Goiás, 12/10/2005.

JOSÉ, Jorcelino. Entrevista concedida a Wilson de Sousa Gomes. Santa Fé de Goiás, 12/10/2005.

LISBOA, Rael Ferreira de. Entrevista concedida Aparecida Neuzeni G. Bueno e Cleuza Divina de Carvalho. Santa Fé de Goiás, 17/10/2004.

SILVA, Severiano Bispo da. Entrevista concedida a Wilson de Sousa Gomes. Santa Fé de Goiás, 12/10/2005.

### Wilson de Sousa Gomes

Professor da Universidade Estadual de Goiás,  
Unidade Universitária de Jussara.